DOI: 10.25768/1646 - 477x.n40.02

A CSN e o cinema: uma aliança em torno da construção do "operário padrão"

Alessandra Brum*

Resumo: Desde 1941, data do decreto de criação da Companhia Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, as atividades de construção da CSN e da nascente cidade de Volta Redonda foram documentadas *pari passu* tanto fotográfica quanto cinematograficamente. Este artigo tem por objetivo analisar essa produção com o intuito de evidenciar o uso do cinema como recurso educativo na construção da ideia do "operário padrão".
Palavras-chave: CSN; Operário padrão; Cinema; Cinejornal.

Resumen: Desde 1941, año en que se promulgó el decreto de creación de la Companhia Siderúrgica Nacional en Volta Redonda, las actividades de construcción de la CSN y de la naciente ciudad de Volta Redonda se documentaron de forma paralela, tanto mediante fotografías como mediante películas. El objetivo de este artículo es analizar dicha producción con el fin de poner de manifiesto el uso del cine como recurso educativo en la construcción de la idea del «obrero modelo».
Palabras clave: CSN; Obrero modelo; Cine; Noticiario cinematográfico.

Abstract: Since 1941, when the decree establishing the Companhia Siderúrgica Nacional in Volta Redonda was issued, the construction activities of CSN and the nascent city of Volta Redonda have been documented in parallel through both photography and film. This article aims to analyze this body of work in order to highlight the use of film as an educational tool in shaping the concept of the "model worker."
Keywords: CSN; model worker; Film; Newsreel.

* Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Instituto de Artes e Design (IAD); Programa de Pós-graduação em Artes, Cultura e Linguagens (PPGACL) e Programa de Pós-graduação em História (PPGHIS). 36.036-900, Juiz de Fora, MG, Brasil. Email: alessandra.brum@ufjf.br

Submissão do artigo: 7 de janeiro de 2026. Notificação de aceitação: 28 de agosto de 2026.

Résumé: Depuis 1941, date du décret portant création de la Compagnie sidérurgique nationale (CSN) à Volta Redonda, les travaux de construction de la CSN et de la ville naissante de Volta Redonda ont été documentés en parallèle, tant par la photographie que par le cinéma. Cet article a pour objectif d'analyser cette production afin de mettre en évidence l'utilisation du cinéma comme outil pédagogique dans la construction de l'idée de l'« ouvrier modèle ».
Mots-clés : CSN ; Ouvrier modèle ; Cinéma ; Journal cinématographique.

Desde a decisão de Getúlio Vargas de criar a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a cidade de Volta Redonda (RJ) passou a receber uma grande atenção por parte do Estado, o que pode ser demonstrado nos vários registros fotográficos e cinematográficos[1], quase como se o propósito fosse montar um grande álbum de família, no caso, da "família siderúrgica", expressão corrente utilizada pela própria empresa para se dirigir aos seus funcionários. Como afirma Regina Morel (1989: 303), "a política paternalista de benefícios sociais e de construção da 'família siderúrgica' procurava (...) reforçar os laços corporativos entre a empresa e seus empregados". Essa ideia de "família siderúrgica", portanto, é central para nossa análise, pois carrega a dimensão política e ideológica da empresa no trato com seus funcionários e é basilar para a ideia de "operário padrão".

Para esta análise, nos deteremos no período de 1941 a 1960, momento em que a CSN tem uma grande preocupação na construção de sua imagem como símbolo de um país desenvolvido e investe na produção de filmes documentários como suporte dessa estratégia. Os filmes servem à CSN para as mais diversas finalidades: como veículo de propaganda, como material didático e/ou técnico, como registro histórico, como elo de ligação com seus empregados na consolidação do discurso da "família siderúrgica" ou ainda, como marca da gestão da empresa.

Este é um período da história do Brasil amplamente estudado, que engloba o que se convencionou chamar de "Era Vargas", com uma produção historiográfica muito consistente e vasta. Aqui não temos a intenção de revisitar toda essa produção, mas particularizar a análise a partir de Volta Redonda, das imagens e sons oficiais da CSN, procurando elencar seus discursos em contraposição ao seu contexto ou, como propõe Boris Kossoy (2016: 25), realizar uma análise que tenha como tarefa a "desmontagem de construções ideológicas materializadas em testemunhos fotográficos" e, completamos, cinematográficos.

É importante ressaltar que a formação da identidade operária dos trabalhadores se dá concomitantemente à criação da CSN, já que boa parte dos trabalhadores era de origem rural. Jessie Jane (1989: 12) afirma que "o discurso de constituição do novo trabalhador brasileiro – como representante de um projeto político-ideológico – será o discurso trabalhado pela CSN (...). Aí, o Estado, como principal agente,

1. Aproveito para agradecer à Ana Beatriz e à Natália de Castro, do CTAv, e ao Rodrigo Mercês e à Gabriela Queiroz, da Cinemateca Brasileira, pelas informações sobre materiais audiovisuais relacionados à CSN.

assume para si a tarefa de educar-formar os jecas". Nesta tarefa educativa, tanto o cinema quanto o sindicato serão aliados na construção desse idealizado "operário padrão".

Na educação, a CSN, em 1943, instala a Escola Profissional com o objetivo de arregimentar jovens que seriam educados e treinados para funções técnicas da empresa. Em 1945, a Escola Profissional transforma-se na Escola Técnica Pandiá Calógeras[2]. Segundo Regina Morel:

> A CSN pretendia ser para o Brasil um exemplo bem-sucedido na formação de trabalhadores, e a Escola Profissional (...) seria peça indispensável no sentido de, por um lado, lhe fornecer operários "sob medida" para manipular seus equipamentos; por outro, também introduzia os alunos na hierarquia, disciplina e ritmo de trabalho da empresa, além de contribuir para difundir o "espírito" de colaboração entre os integrantes da "família siderúrgica" (1989: 110-11).

A CSN criou um sistema de dominação destinado a reformar todos os aspectos da vida cotidiana de seus operários, que passava pela moradia, saúde, educação e lazer, um projeto amplo que não era novidade no Brasil. O que é específico no caso da CSN é, de um lado, o fato de que o patrão é o Estado e, de outro, a grandiosidade do projeto (Morel, 1989a: 28).

Em maio de 1941, durante a Assembleia da Comissão do Plano Siderúrgico, na qual se dará a criação da CSN, em seu discurso como presidente da Comissão, Guilherme Guinle diz:

> O governo deixa a todos os brasileiros, de pequenos aos grandes recursos, a participação que o espírito de colaboração nos lhe dá, o empenho de resolver por nós mesmos esse problema fundamental para o progresso e prosperidade do Brasil. Estou certo de que não faltaremos a esse dever que se impõe a cada um de nós, de contribuir para forjar a estrutura de um Brasil mais forte e mais próspero (Guinle, 1941, 2':56"–3':35")[3].

No discurso, todos, independentemente da posição social, estão a serviço do Brasil. E é a partir dessa ideia que a classe operária que será formada em Volta Redonda deve responder. No entanto, já em 1942, o governo lança o Decreto-Lei nº 4.937, de 9 de novembro de 1942, que torna a CSN e Volta Redonda área de

2. Hoje, a Escola Técnica Pandiá Calógeras (ETPC) é gerida pela Fundação CSN. Com afirma em seu site: "A escola oferece Ensino Médio com técnico, cursos técnicos subsequentes, capacitações técnicas rápidas, cursos livres e capacitação para empresas. Em 2024, quando completou 80 anos de atuação, a ETPC lançou o Ensino Fundamental II, com cursos do 6º ao 9º ano. Ao longo da sua história, se formaram mais de 21 mil profissionais em Ensino Médio, Educação Profissional Técnica, Curso de Aprendizagem Industrial e outros, nas diferentes especialidades". In: https://etpc.com.br. Acesso em: 23 de novembro de 2025.

3. Áudio da Assembleia da Comissão do Plano Siderúrgico, de maio de 1941, que está disponível na base de dados Sistema de Informações do Arquivo Nacional (SIAN).

interesse nacional, condição fundamental para fixar os trabalhadores na empresa. Ser funcionário da CSN significava servir às Forças Armadas. Deixar o posto de trabalho significava ser um "soldado desertor"[4]. A construção da Usina Siderúrgica representava, portanto, um esforço de guerra.

Data também de 1942 a criação da polícia da CSN. Um grupo de policiais era responsável pela ordem nas dependências internas da CSN e outro grupo pela área externa à Companhia, que envolvia as moradias, no caso, os Acampamentos Central e do Conforto, e ruas da cidade nascente. Já em 1944, a Academia Real Militar chega a Resende e, em 1951, ganha sua denominação atual de Academia Militar de Agulhas Negras, que tem como objetivo a formação dos oficiais combatentes do Exército Brasileiro, com localização estratégica, entre Rio de Janeiro e São Paulo, a apenas 50 km de Volta Redonda.

Abaixo, duas imagens da década de 1940, produzidas pela Agência Nacional, uma agência de notícias criada por Getúlio Vargas em 1937, com o objetivo de divulgar as ações governamentais para a sociedade brasileira através de canais institucionais e sob o domínio do Ministério da Justiça. Destacamos aqui duas fotos que refletem o poder de polícia da CSN.

Figura 1 – Sem título.



Fonte: Agência Nacional, s/d, provavelmente 1943-1944.

4. O Decreto-Lei nº 4.766, de 1º de outubro de 1942, define crimes militares e contra a segurança do Estado, e dá outras providências. No Art. 16. Desertar em tempo de guerra, pena de 1 a 4 anos de reclusão. Diz o § 1º - Considera-se desertor o militar que, sem causa justificada:
I - ausentar-se, sem licença, da unidade onde servir, ou do lugar onde deva permanecer, e conservar-se ausente, por mais de três dias, contados do dia seguinte ao da declaração da ausência ilegal;
II - não estiver presente na unidade ou força, onde servir, no momento da partida ou deslocamento, e deixar de apresentar-se a qualquer autoridade, dentro do prazo de vinte e quatro horas;
III - deixar de apresentar-se ao serviço ou à autoridade competente, dentro de três dias, contados do dia seguinte ao da declaração da ausência ilegal;
IV - não se apresentar na unidade onde servir, ou à autoridade competente, dentro do prazo de oito dias, contados daquele em que terminar ou for cassada a licença ou a agregação, ou não se apresentar dentro de três dias, depois de declarado o estado de emergência ou de guerra.

Nesta foto, um policial, em plano americano, está postado à frente de um maquinário que traz o dizer "Siderúrgica Nacional". Ele foi registrado em um leve contra-plongée, ereto, com o cassetete a postos e um olhar em diagonal, como se estivesse alerta, pronto para defender a CSN, aqui representada pelo maquinário. Como comentamos anteriormente, a polícia da CSN não se restringia à defesa da CSN, mas, sobretudo, tinha o objetivo de controlar a massa de novos trabalhadores vindos de várias regiões do país, morando em condições precárias e sem opções de lazer na nascente cidade industrial.

Figura 2 – Reportagem na Cia. Siderúrgica Nacional, 30 de abril de 1941.



Fonte: Agência Nacional.

A foto acima é emblemática desse controle por parte da empresa. Nela, temos um plano-detalhe da mão de um trabalhador com sua carteira funcional sendo apresentada a um policial, com o cassetete na mão. Aqui, o controle da empresa sobre seus operários é traduzido pela imagem, e nos parece incrível como a máxima de que uma imagem vale mais do que mil palavras se materializa. Outro aspecto que gostaríamos de ressaltar é que, mesmo em veículos de propaganda controlados pelo Estado, como no caso da Agência Nacional, os produtores de imagem, ou melhor, os trabalhadores da Agência deixam escapar discursos que se contrapõem ao discurso oficial da CSN como uma grande "família siderúrgica". É por meio do uso da força que essa "família" se constituiu.

A entrada na CSN era marcada pelos ritos de admissão, que permitiam o enquadramento na empresa e a ruptura com a história pessoal anterior. "O exame médico era peça fundamental dessa triagem, permitindo separar os doentes e irrecuperáveis daqueles nos quais valeria a pena a Companhia investir" (Morel, 1989: 30). Todos ganhavam um uniforme, o que faria dessas pessoas heterogêneas um grupo uni-

ficado, membros da "família siderúrgica". Mas essa imagem de grupo unificado recebe especial destaque nos eventos comemorativos, como nos desfiles do Dia do Trabalhador, conforme mostraremos ao longo do artigo. Por ora, nas imagens abaixo, produzidas no período de construção da CSN, é possível observar a ausência de uniformes e de equipamentos de segurança[5].

Figuras 3 e 4 – Obras da construção da CSN.



Fonte: Agência Nacional, 1943.

Em 1945, surge o Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Barra Mansa, Volta Redonda, Resende e Barra do Piraí, com sede em Barra Mansa (RJ). O surgimento do sindicato se dá pouco tempo depois da campanha do próprio governo de Getúlio Vargas pela sindicalização dos trabalhadores brasileiros, que enxergava no sindicato um organismo de controle. Portanto, a criação do Sindicato dos Metalúrgicos não contrariava os interesses da diretoria da CSN, que, já um ano depois, incentivava a transferência da sede do Sindicato dos Metalúrgicos da cidade de Barra Mansa para o distrito de Volta Redonda. A primeira reunião do sindicato se dá nas instalações da CSN, com representantes da empresa. Em seguida, a própria CSN cede um terreno para a construção da sede do sindicato.

5. O período de construção da CSN foi de muita precariedade. A cidade ainda estava em formação. A CSN construiu alojamentos para as famílias dos operários que se aventuraram em busca de melhores condições de vida. Waldyr Bedê comenta: "Os alojamentos são precários, sem instalações sanitárias e sem água corrente em cada módulo de habitação familiar" (2004: 46). Não se tem estatísticas desse período, mas é sabido que muitas vidas foram perdidas, seja pelas condições precárias de higiene, seja pela falta de itens de segurança no trabalho. Esta constatação guarda relação com a necessidade do Decreto-Lei nº 4.937, de 9 de novembro de 1942, que torna a CSN área de segurança nacional, já que muitos homens, pelas más condições encontradas na cidade, estavam desistindo do posto de trabalho.

Nunca é demais lembrar que estamos no período do Estado Novo, regime autoritário implementado por Getúlio Vargas que vê nas associações corporativas a melhor maneira de manter o controle social. Como afirma Alcir Lenharo em "Sacralização da política":

> O Estado Novo levou a sério a existência da luta de classes, assim como as possibilidades reais da classe operária no jogo do poder. A estratégia jurídica de aliciamento e a proposta corporativista de sindicalização apontam para uma política especialmente orientada de controle da classe operária e de sua reestruturação a partir da orientação imprimida pelo poder (1986: 22).

Portanto, nada mais natural que a CSN não só incentive como participe ativamente das atividades do sindicato. No entanto, no ano seguinte à criação do sindicato, em 1946, a CSN é inaugurada pelo então presidente Eurico Gaspar Dutra. Este é o momento em que o sindicato sofre uma intervenção pontual do Estado, quando é nomeado José Pimenta, que ficará à frente do Sindicato de 1946 a 1951. Haverá eleição para o sindicato apenas em 1951, quando Alan Cruz (1951-1953) é eleito. Esse é também o momento em que Getúlio Vargas volta ao poder, agora eleito pelo povo, procurando manter estreita relação com os trabalhadores.

A década de 1950 é o período de expansão das atividades da CSN, o que se traduz em uma preocupação em documentar seu crescimento. Data de 1953 a criação do periódico *O Lingote*, publicação do Serviço de Relações Públicas da CSN, que era distribuído gratuitamente a todos os operários da empresa.

Figura 5 – Capa de *O Lingote*, 10 de dezembro de 1953.



Fonte: Arquivo da CSN em Volta Redonda.

É também nesse período dos anos 1950 que a CSN intensifica a contratação de cineastas para a realização de documentários sobre a empresa. Apesar de já ser amplamente documentada pelas agências de notícias do governo, por meio dos cinejornais e do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), nota-se, por parte da CSN, uma preocupação em expandir seu capital simbólico, o que se dá com a contratação de cineastas renomados para a realização de documentários sobre a empresa. São esses documentários que nos interessam particularmente. Aqui, vamos nos deter nos filmes de dois cineastas: John Waterhouse e Jean Manzon. Neles, vamos destacar os trechos que dizem respeito às questões sociais, deixando de lado os momentos em que os filmes se concentram na atividade industrial. Todos os documentários aqui analisados podem ser denominados como documentários clássicos, ou de modo expositivo, na classificação de Bill Nichols (2005: 142-146). Ou seja, há uma excessiva ênfase no comentário verbal, com voz over (ou voz de Deus) e com uso da música para realçar a dramaticidade ou como comentário da imagem.

O primeiro filme é *Volta Redonda* (1952), documentário produzido por Alberto Cavalcanti, com argumento e direção de John Waterhouse[6].

O filme tem por objetivo central explicar didaticamente todo o processo de beneficiamento do aço realizado pela usina, registrando as diversas fases: coqueria, alto-forno, aciaria e laminação. Até chegar a esse ponto, o filme faz uma retrospectiva da mineração em Minas Gerais, com o aproveitamento do minério e a exportação do mesmo para os mais diversos países. Informa-nos que foi D. Pedro I quem ordenou a construção da primeira usina de aço no país, a Usina Ipanema, no Estado de São Paulo. Apresenta imagens do projeto arquitetônico e, posteriormente, da usina abandonada, momento em que a música cessa, para apresentá-la em ruínas.

Com a imagem e o apito de um trem, que nos reportam aos dias atuais, década de 1950, introduz a cidade de Volta Redonda. Imagens de manchetes de jornal de 1941 destacam o marco histórico que foi a criação da CSN; em seguida, aparece a cartela do Cine Jornal Brasileiro em que se lê: "Uma nova era econômica. Volta Redonda: trabalha-se sem tréguas para a instalação das usinas siderúrgicas". Trata-se de uma imagem de arquivo referente ao Cine Jornal Brasileiro de 1942, com 8 minutos de duração, mas que, no documentário, apenas um pequeno recorte de 30 segundos é utilizado. Seguimos com imagens panorâmicas da cidade e narração do Cine Jornal Brasileiro. Após essas imagens de arquivo, de aproximadamente 30 segundos, do cinejornal, volta o narrador do filme, com imagens da Usina de Volta Redonda ao fundo. Aos 5 minutos e 10 segundos, altera-se a trilha sonora e o tom austero se modifica para uma trilha musical mais pitoresca.

Esse é o trecho que nos interessa particularmente. Parece-nos deslocado do enfoque central do documentário, que é o beneficiamento do aço. Neste trecho, que

6. Completam os créditos do filme: música de Cláudio Santoro; narração de Bráulio Madeira, Alfredo Nagib, Borges de Barros e Walter R. Santos; som de Jacques Legard e Benedito Duarte; direção de fotografia de Jacques Deheizelin; administração de José Sanz e Francisco Araújo; montagem realizada nos estúdios da Cinematográfica Maristela e laboratório da Companhia Cinematográfica Industrial.

se inicia com uma panorâmica da cidade, corta para uma sala de arquitetos projetistas e, em seguida, uma imagem de homens carregando um móvel, representando a ocupação de uma das casas pelos empregados da CSN. Plano geral de uma avenida com casas e ruas urbanizadas e arborizadas, com crianças que brincam no gramado da frente de uma das casas. Corta para a avenida de mão dupla, com canteiro central. De um lado, um ônibus sai pelo lado esquerdo do quadro, e um carro entra pelo direito. Corta para esse mesmo carro entrando pelo quadro à esquerda e chegando a um edifício moderno e imponente, no caso, o Hotel Bela Vista, primeiro edifício construído na cidade de Volta Redonda para receber autoridades e engenheiros estrangeiros. Essa sequência é dinâmica e é acentuada pelo movimento do carro em quadro, que traz certa modernidade para as imagens. O discurso é o de que a cidade é limpa, moderna e agradável. A narração diz que é para os operários e técnicos. Mas as imagens mostradas no documentário são das casas destinadas aos técnicos qualificados e do hotel para a elite de engenheiros, nacionais e estrangeiros, empresários e políticos em visita à cidade.

Figuras 6 a 11 – Sequência de frames do filme *Volta Redonda* (1952).





Fonte: *Volta Redonda* (1952), de John Waterhouse. Disponibilizado pelo CTAv.

Como já comentamos anteriormente, esse discurso de benfeitorias e, sobretudo, de casas para os seus trabalhadores é um ponto importante de dominação da empresa sobre seus operários e é central no discurso do Estado Getulista. Volta Redonda apresenta-se como modelo de integração perfeita e harmoniosa entre operariado e patrão. Discurso que, como veremos, está na boca não apenas do Estado e da CSN, mas também do sindicato.

Em 1953, um pouco antes da visita de Getúlio Vargas à cidade de Volta Redonda, por ocasião dos festejos do Dia do Trabalhador, Vargas escreve um bilhete a Lourival Fontes, Chefe do Gabinete da Casa Civil, com orientações para o seu discurso. Nele, o presidente solicita uma:

> referência mais acentuada à Companhia Siderúrgica Nacional ou mais vulgarmente às usinas de Volta Redonda, obra de meu passado governo e o que ela significa para a economia do país. Falta uma referência especial e carinhosa aos operários de Volta Redonda (...) (SIAN: 1953).

Em 1º de maio de 1953, Getúlio Vargas visita a cidade e os trabalhadores desfilam para ele e para as outras autoridades. É neste evento que Getúlio Vargas discursa aos operários e à população de Volta Redonda. Nas imagens abaixo, podemos notar a ideia de grupo unificado. As mulheres, com vestidos brancos, anunciam a "família siderúrgica". Em seguida, os operários enfileirados, com uniforme e capacete, instrumento de proteção individual de segurança, uma realidade bem diferente dos primeiros anos da CSN. Os operários são uma massa de trabalhadores orgânicos e organizados.

Figuras 12 a 14 – Desfile do Dia do Trabalhador em Volta Redonda, 1º de maio de 1953.



Fonte: Agência Nacional.

Dentre as diversas atividades do 1º de maio, Getúlio Vargas foi instado a comparecer ao Sindicato dos Metalúrgicos. Chama atenção a recepção montada pelo sindicato ao criador da CSN. Como podemos ver nas fotos abaixo, a fachada do sindicato foi tomada por imagens de Getúlio Vargas, além de uma grande faixa "Getúlio libertou nosso sindicato". Na foto, podemos notar também a aglomeração de pessoas à frente do sindicato, com bandeiras do Brasil na mão. Em sua maioria, homens, trajando roupa de passeio – calça e camisa social –, acompanhados de chapéu, como era comum no período em ocasiões de lazer. Entre as poucas mulheres na foto, a mesma preocupação se observa: vestido com saia rodada. Elementos que enfatizam o caráter cerimonial e festivo do momento.

Era, portanto, uma recepção bastante calorosa no período em que Getúlio Vargas enfrentava uma oposição ferrenha ao seu governo por parte da oposição, sobretudo da UDN, que teve na figura do jornalista Carlos Lacerda seu maior representante.

Figuras 15 e 16 – Getúlio Vargas visita o Sindicato dos Metalúrgicos de Volta Redonda, 1º de maio de 1953.



Fonte: Agência Nacional.

Em 25 de setembro de 1953, *O Lingote* publica uma longa matéria intitulada "Volta Redonda na tela", com subtítulo "a cidade e a usina aos olhos de milhares de espectadores". Relata-se aqui a trajetória da produção cinematográfica que tem Volta Redonda como tema. Nesta matéria, há também um relato sobre as condições dos filmes realizados à época da construção da CSN, que já estavam se deteriorando, e sobre o incêndio no INCE, no qual boa parte dos documentários se perdeu (*O Lingote*, 25 de setembro de 1953: 12).

A preocupação com a preservação dos filmes é um elemento que se destaca no texto, algo raro para o período em que o interesse pelo patrimônio cinematográfico ainda era pouco comentado. Diante do incêndio, a CSN realizou uma pesquisa entre órgãos oficiais e particulares no sentido de recompor a filmoteca. É pena que isso pareça não ter surtido grande efeito ao longo dos anos, já que hoje são poucos os filmes a salvo ou disponíveis para visualização.

Ainda nesta matéria, a CSN anuncia a contratação de cinco filmes de curta-metragem, já que "os documentários não podiam se limitar ao início das atividades da Usina" (O Lingote, 25 de setembro de 1953: 12). Comenta ainda outros documentários realizados por cineastas contratados pela empresa e que estão sendo apresentados nos cinemas brasileiros. A matéria refere-se ao filme *Volta Redonda* (1952), de John Waterhouse, já analisado aqui. Refere-se, ainda, ao documentário *Aço brasileiro com minério nacional* (1953), de I. Rozemberg[7], e, por fim, fala do cineasta Jean Manzon, que, naquele momento, filmava a Cidade do Aço, com previsão de lançamento no mês seguinte. Em uma nota, nesta mesma edição, sabemos que o filme de Jean Manzon é *O homem na Cidade do Aço* (1953). A matéria informa que o General Sylvio Raulino de Oliveira, presidente da CSN, acompanhado dos diretores, assistiu, em sessão especial e inédita, ao filme, no estúdio de Jean Manzon.

7. Apesar de inúmeras consultas a arquivos e do contato com a filha do cineasta I. Rozemberg, o filme não foi encontrado.

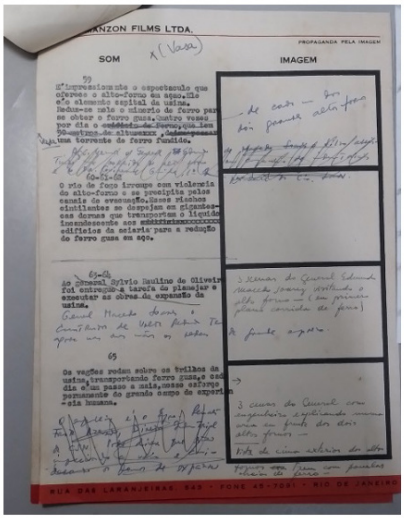
Não tivemos condições de visionar este filme[8]; no entanto, tivemos acesso ao roteiro, com formatação em duas colunas, uma de imagem e outra de som, sendo que a coluna da imagem está em branco e a do som contém apenas o texto da locução. Mesmo diante de tamanha limitação, é possível termos uma noção do teor do filme.

Nas primeiras páginas do roteiro, a narração do que seria a cena 7 diz: "Homens e máquinas se confundem, nos campos de Volta Redonda, para que a existência da cidade e de seus privilegiados cidadãos esteja plenamente assegurada quanto aos seus viveres". A partir desse ponto, são descritas as benesses que a CSN proporciona aos seus empregados: moradia, escolas, áreas de esporte, hospitais etc. Dá-se destaque especial ao atendimento à criança e à família. Nas cenas (29-30) do roteiro, está escrito:

> Esta cidade é assim como uma grande família, pois todos aqui se conhecem, todos têm o seu culto, todos vivem democraticamente a sua vida. São os orgulhosos cidadãos de Volta Redonda, a capital do aço do Brasil, que marcha para o seu alto destino, amando a Deus, e a Pátria...

Depois de exaltar as benfeitorias realizadas pela CSN aos seus empregados, termina essa parte do roteiro afirmando que "Volta Redonda foi construída pela fibra dos brasileiros" (cena 46), para então entrar nas imagens da Usina (alto-forno, a fabricação do coque, o sistema de transporte etc.).

Figura 17 – Página do roteiro do filme *O homem na Cidade do Aço* (1953).


ANZON FILMS LTDA.

PROPAGANDA PELA IMAGEM

SOM

IMAGEM

Fonte: Acervo Jean Manzon.

8. O filme *O homem na Cidade do Aço* (1953) não está digitalizado. O Sr. Wagner Anastácio, detentor do acervo, nos forneceu cópia do roteiro do filme, a quem agradecemos o apoio nesta pesquisa.

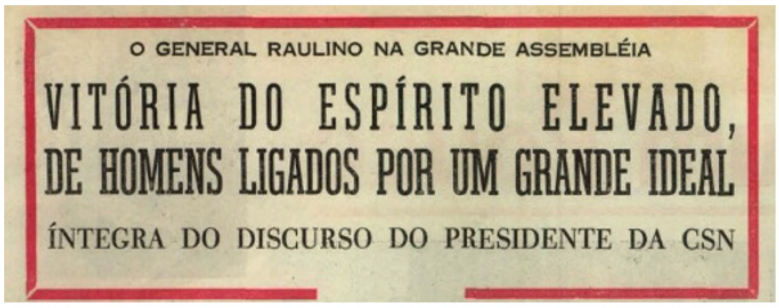
Pelas anotações manuscritas sobre o texto datilografado, o roteiro passou por adequações e, ao que tudo indica, foram feitas novas filmagens e alterações na narração após o filme pronto. Isso pode ser inferido pela descrição da cena 63-64, que diz no texto datilografado: "Ao general Sylvio Raulino de Oliveira foi entregue a tarefa de planejar e executar as obras de expansão da usina". Riscado e substituído por "General Macedo Soares o construtor de Volta Redonda...". Nesta cena, há uma descrição do que seria a imagem: "Três cenas do General Edmundo Macedo Soares visitando o alto-forno - (em primeiro plano corrida de ferro)". Pelo roteiro, podemos inferir que o filme foi atualizado para continuar sua circulação na gestão do General Edmundo Macedo Soares, que assume a presidência da Companhia em julho de 1954, muito pouco tempo após a finalização do filme, que ocorreu em outubro de 1953.

Infelizmente, como já mencionamos, não conseguimos ter acesso ao filme, mas, pelo que podemos analisar da narração do roteiro original, o filme apresenta o tom dos anos 1950 na CSN, que é o período de sua expansão, momento em que é possível mostrar, em imagens, a cidade moderna e promissora que Volta Redonda se tornou.

O homem na Cidade do Aço (1953) parece ter sido muito bem recebido pela diretoria da CSN, que não mediu esforços para sua divulgação. Pelo roteiro, podemos depreender que o filme conseguiu um equilíbrio entre o discurso de modernidade da nova cidade e a explicação didática do beneficiamento do aço, reforçando os laços entre os seus empregados e a empresa, em sintonia com a ideia de "família siderúrgica".

Em setembro de 1953, aconteceu, no Cine Avenida, uma grande assembleia do Sindicato dos Metalúrgicos para assinatura de um acordo salarial com a direção da CSN. A assembleia contou com aproximadamente 1.600 operários e teve a presença do Presidente da CSN, General Sylvio Raulino, e do Ministro do Trabalho, João Goulart, que proferiram discursos exaltando a aliança entre os trabalhadores e patrões. Em *O Lingote* de 10 de outubro de 1953, os discursos foram reproduzidos, sendo o do presidente da CSN na íntegra.

Figura 18 – Recorte da manchete de *O Lingote*, 10 de outubro de 1953.


O GENERAL RAULINO NA GRANDE ASSEMBLÉIA

VITÓRIA DO ESPÍRITO ELEVADO, DE HOMENS LIGADOS POR UM GRANDE IDEAL

ÍNTEGRA DO DISCURSO DO PRESIDENTE DA CSN

Fonte: Arquivo da CSN.

A manchete resume o tom do discurso de cada uma das autoridades presentes. Eles reafirmam a aliança sem precedentes na história em torno de um bem comum, como a ele se referem, que é o Brasil. Lembramos aqui o discurso de Guilherme Guinle por ocasião da criação da CSN em 1941, já citado neste artigo. É impressionante que, passada mais de uma década, o tom permaneça o mesmo. O tom de harmonia e igualdade entre patrões e empregados é corroborado pelo Presidente do Sindicato Walter Milen da Silva:

> É bem verdade que nem todas [as reivindicações] foram atendidas, mas também é verdade que nenhuma delas foi repelida como leviana ou descabida. (...) Entre a diretoria do sindicato e a alta direção da CSN, extinguiu-se, no entanto, a classe dos intermediários. (...) Constituímos, finalmente, uma classe contra cujo complexo de inferioridade lutaremos, tanto quanto pelo seu bem-estar material (*O Lingote*, 10 de outubro de 1953: 2).

Figuras 19 e 20 – Recorte da matéria de *O Lingote*, 10 de outubro de 1953: 9.



Fonte: Arquivo da CSN.

Foi, portanto, uma assembleia repleta de significado. Ao final da reunião, que poderíamos considerar um grande evento festivo, o filme *O homem na Cidade do Aço* foi exibido a todos os operários. Isso é bastante sintomático, já que o filme também realça o caráter da cidade como uma grande família, mas, sobretudo, uma cidade de "cidadãos privilegiados".

O homem na Cidade do Aço teve uma carreira bastante longeva e foi exibido em vários locais, clubes, escritórios, em outros estados e fora do país, e nos cinemas como complemento.

Em matéria de *O Lingote*, de 10 de agosto de 1955, na página 8, temos a notícia de novas filmagens sendo realizadas em Volta Redonda, como mostra a imagem abaixo. Nela, vemos Gilles Bonneau e Giuseppe Romeo.

Figura 21 – Recorte da matéria de *O Lingote*, 10 de agosto de 1955: 8.



Jules Bonneau o Romeo Giuseppi, (na foto, em Tubarão) andaram filmando detalhadamente as atividades mineradoras da CSN nos setores de Lafaiete e Santa Catarina. Agora, acompanhados de outros técnicos, filmam em Volta Redonda. O próximo filme sôbre a CSN envolverá, assim, todos os aspectos do complexo industrial reunido sob a bandeira da companhia, que é o maior da América Latina. Como os filmes sôbre a CSN têm despertado um enorme interêsse, é de crer que o próximo alcance também invulgar sucesso. No alto desta página, informação detalhada a respeito.

O LINGOTE – PÁGINA 8

Fonte: Arquivo da CSN.

Trata-se das filmagens do documentário seguinte de Jean Manzon para a CSN, em que se ratifica o sucesso do filme *O homem da Cidade do Aço*, "documentário que recebeu consagradores aplausos de toda a parte" (*O Lingote*, 10 de agosto de

1955: 8). Em seguida, a matéria anuncia a contratação da Jean Manzon Filmes para a realização de mais documentários, "abrangendo, desta vez, todo o complexo industrial agrupado sob a bandeira da CSN, de modo a salientar sua importância no processo de desenvolvimento econômico brasileiro" (*O Lingote*, 10 de agosto de 1955: 8). Os filmes seguintes produzidos por Jean Manzon foram: *Assim é Volta Redonda* (1955) e *Nasci em Volta Redonda* (1957), nos quais nos deteremos a seguir.

Assim é Volta Redonda (1955)[9] tem por objetivo explicar o processo de produção do aço. Os créditos iniciais dão a dimensão da produção cuidadosa do documentário. A equipe é composta pelos mesmos técnicos que Manzon constituiu na criação de sua produtora, Jean Manzon Films, em 1952: René Persin, Hubert Perrin e John Reichenheim, todos franceses. O tratamento de som foi realizado pela Cia. Industrial Cinematográfica, com sistema de som Divergé-Émon-Bonfanti (D.E.B), que, como afirma Luís Alberto Rocha Melo em seu artigo "Um breve panorama dos estúdios de som no Brasil", para a revista Filme Cultura (2013: 25-30), teve importância central para o cinema brasileiro dos anos 1950. Isso demonstra a preocupação da CSN de que os filmes produzidos contassem com a expertise de técnicos e cineastas no registro desse momento vigoroso pelo qual passava a empresa.

O filme *Assim é Volta Redonda* (1955) se inicia com o primeiro plano de um homem caminhando, para então localizá-lo em uma zona rural, em seu trabalho no campo. O homem narra como a sua vida foi transformada a partir da construção da Usina Siderúrgica. Na narração, esse homem diz: "Meu nome não importa". Aqui, esse homem é a representação do novo operariado que se forma na nascente cidade industrial. Ele não tem nome e vai desaparecer como indivíduo ao longo do desenvolvimento do filme, fundindo-se à narração onisciente do documentário, para se transformar em símbolo da massa de operários.

Logo nos primeiros minutos do filme, em primeiro plano, o General Edmundo de Macedo Soares é focalizado. A narração diz:

> Quando construções em grande número começaram a ser levantadas na pequena e esquecida Volta Redonda, não percebi logo que se executava um grande plano e que com ele se modificaria o meu destino. Projetava-se a construção em Volta Redonda de uma imensa usina siderúrgica, fruto de um estudo minucioso realizado por grandes técnicos, e levado a efeito pela mentalidade dinâmica de um homem, o General Edmundo Macedo Soares.

A partir desse ponto do filme, somos apresentados a todos os locais que, de algum modo, colaboram com a produção do aço em Volta Redonda: minas de minério nas cidades de Conselheiro Lafaiete (MG) e Tubarão (SP), e no estado de Santa

9. *Assim é Volta Redonda (1955)* de Jean Manzon pode ser visionado no Youtube em qualidade muito baixa. Link: https://www.youtube.com/watch?v=I2olZDUFfOE. Acesso em: 27 de novembro de 2025.

Catarina. Mostra-se o transporte, por navios, dos materiais e também a CSN como impulsionadora das indústrias no país. Todo o processo de beneficiamento do aço nos é apresentado com imagens bem enquadradas que destacam a beleza do fogo no processo de produção do aço. São imagens plásticas que dão um tom experimental às imagens ilustrativas do documentário. Mas, com o tom ufanista e a música pontuando as imagens, o filme permanece com o seu tom didático.

Quase no final do filme, uma cena de aproximadamente 7 segundos chama a nossa atenção. Podemos considerá-la inédita em termos de registro: trata-se da imagem de operárias separando as folhas de flandres, processo importante em que se atesta a qualidade do material, setor exclusivamente ocupado por mulheres na CSN, conhecidas como vira-latas, apelido que atesta a histórica invisibilidade delas no setor produtivo industrial. Segundo Tânia Bassi Costa:

> As histórias oficiais da CSN sempre exaltaram o "operário-padrão", o herói dos altos-fornos. Mas, por trás do aço brasileiro, existia um contingente de mulheres que quase desapareceu da memória: as chamadas "vira-latas". Eram elas que trabalhavam na seção de folhas de flandres, inspecionando chapa por chapa – um trabalho técnico, preciso e exaustivo, fundamental para que a indústria de alimentos do Brasil funcionasse no pós-guerra.
>
> O apelido nasceu da ação de "virar a lata", mas rapidamente virou um insulto, associado ao cão de rua, à sujeira, ao descarte. Um mecanismo de violência simbólica para desqualificar mulheres, muitas delas negras, reduzindo seu trabalho a algo menor, secundário, "impróprio" para a narrativa heroica masculina da siderurgia (Atas do II Encontro Nacional do GT Estudos de Gênero, ANPUH/RJ, 2016: 107-125).

Figuras 22 e 23 – Frames de operárias.



Fonte: *Assim é Volta Redonda* (1955), de Jean Manzon.

Em *O Lingote*, de 1958, é a primeira vez, desde a criação do informativo pela CSN, que aparece a imagem de uma mulher operária que não era do setor administrativo da empresa. Essa imagem destaca o alto rendimento do setor no ano de 1957, o que permitiu a maior tonelagem de folhas de flandres até aquele momento.

Apesar de esse setor, também conhecido como "sala de escolha", ser executado por mulheres e de ser importante por atestar a qualidade do aço produzido na CSN, as mulheres não eram reconhecidas nem pela empresa[10] nem pelo sindicato[11].

Figura 24 – Recorte da nota de *O Lingote*, 9 de janeiro de 1958.



A Linha de Estanhamento Eletrolítico continuou apresentando um elevado índice de rendimento em suas atividades, no ano de 1957. Maior tonelagem de folhas de flandres foi entregue às indústrias nacionais

Fonte: Arquivo da CSN em Volta Redonda/RJ.

O filme seguinte que destacamos é *Nasci em Volta Redonda* (1957)[12], documentário de Jean Manzon que Maria Leandro Bizello analisa em sua dissertação "Imagens otimistas: representações do desenvolvimentismo nos documentários de

10. Por ser uma função final da produção, o trabalho executado por essas mulheres exigia organização, atenção, visão e tato treinados. O perfil dessas mulheres era com idade por volta dos 40 anos, viúvas, chefes de família, negras e pobres. Sobre isso ver: Tânia Bassi Costa (2016)..

11. Havia uma segregação ocupacional, uma vez que estavam à margem das discussões trabalhistas apresentadas pelo sindicato à CSN.

12. Este filme está disponível no Youtube em qualidade muito baixa. Link: https://www.youtube.com/watch?v=mDK-dvhnD0E. Acesso em 27 de novembro de 2025.

Jean Manzon – 1956-1961"[13]. Sua pesquisa tem como recorte o período do governo Juscelino Kubitschek, no sentido de compreender as representações do desenvolvimentismo nos filmes documentários de Jean Manzon. Neste trabalho, um dos filmes que ela analisa é o documentário *Nasci em Volta Redonda*.

Com uma narração por vezes jocosa e imagens da Usina, reaproveitadas do filme *Assim é Volta Redonda* (1955), acompanhamos, da infância à juventude, um personagem aleatório, cuja trajetória está totalmente ligada à indústria e seu futuro já se encontra reservado nela. Do seu nascimento, passando pela educação primária e técnica à sua entrada como operário na indústria – no caso, a CSN –, empresa que provê um futuro para esse cidadão. Como afirma Bizello: "o operário mais simples, menos especializado, não aparece, é esquecido, pois o que interessa aqui é o desenvolvimento do presente num nível técnico e médio necessários a uma sociedade que se quer harmoniosa e humana onde a miséria dá lugar à ordem social" (1995: 91).

Figuras 25-28 – Frames do filme.



Fonte: *Nasci em Volta Redonda* (1957), de Jean Manzon.

Ao final do filme, dois jovens caminham e atravessam o portão que dá entrada à Companhia Siderúrgica Nacional, quando se ouve: "caminhando rumo ao futuro escolhido por eles mesmos" (Bizello, 1995: 91).

13. Dissertação defendida junto ao Programa de Pós-graduação em Multimeios da Unicamp.

Figuras 29 e 30 – Frames do filme.



Fonte: *Nasci em Volta Redonda* (1957), de Jean Manzon.

Sabemos que esse futuro "escolhido por eles mesmos" não passa de um discurso retórico, já que, na visão apresentada, a CSN "tudo provém". O caminho, portanto, é natural, e não existe outra saída possível para aqueles que nasceram na cidade de Volta Redonda do que servir à Cia. Siderúrgica Nacional. A ideia de "operário padrão", tão cara ao governo e à CSN, vem desse discurso, de uma empresa que garante o futuro dos seus cidadãos e do Brasil.

Considerações finais

Como pudemos demonstrar ao longo desse artigo, das imagens fotográficas às imagens cinematográficas, há uma preocupação por parte da CSN em construir uma imagem de Brasil desenvolvido, mas, sobretudo, de exemplo para o país, de harmonia social, em que a classe operária se encontra comprometida com o futuro do Brasil e em perfeita harmonia com o patronato. A ideia de "operário padrão" está assentada no discurso de "família siderúrgica", em que a mãe oferece aos seus filhos as condições necessárias para seu provento, que passa pela garantia de saúde, educação, moradia e lazer. "Cidadãos privilegiados" e, como tais, devem responder com obediência e comprometimento com o trabalho.

Do suicídio de Vargas, em agosto de 1954, até 1956, passaram pela presidência do Brasil três nomes: Café Filho, Carlos Luz e Nereu Ramos. Em 1956, Juscelino Kubitschek é eleito, prometendo 50 anos em 5, com um Plano de Metas cuja proposta é o nacional-desenvolvimentismo que reafirma o Brasil como país do futuro. No caso da CSN, a mudança de poder não interfere imediatamente nos rumos da empresa, que continua sob domínio militar[14], tendo à frente da CSN o General Edmundo de Macedo Soares, que permanecerá na presidência da Companhia até

14. Os militares ocuparam a direção da CSN por mais de 26 anos. De 1945 a 1958, apenas no ano de 1948 teve um civil na presidência. Depois de 1948 a 1958, domínio dos militares. De 1960 a 1972, novamente os militares ocuparam a direção da empresa. A fase civil mais longeva se inicia em 1973, quando o General Emílio Garrastazu Médici nomeou um engenheiro para a direção da CSN, Adhemar Pinto.

1959, dando continuidade a práticas populistas e nacionalistas da era getulista que o general toma para si. Essa continuidade pode ser percebida nos documentários contratados pela empresa, que servem como uma marca da gestão do General Edmundo Macedo Soares e também como reafirmação da lógica de harmonia social presente na expressão de "família siderúrgica". No filme *Nasci em Volta Redonda*, o General Edmundo Macedo Soares aparece com o criador da CSN e se personifica como homem de Estado que garante e provê à cidade de Volta Redonda e à CSN, esse pequeno recorte de Brasil, daquilo que deveria ser o Brasil no futuro.

Neste artigo, buscamos demonstrar que os discursos dos filmes reforçam a ideia de "família siderúrgica" e a dos operários como "cidadãos privilegiados". Esse discurso é assimilado pelo sindicato e pelos operários, que reconhecem seu papel na construção desse empreendimento que foi a CSN e se utilizam dessa ideia como política para suas reivindicações trabalhistas[15]. É uma relação complexa, que funcionou até 1984[16], quando estourou a primeira greve da história da CSN, mas essa já é outra história.

Referências bibliográficas

Alves, M. P. (2001). *Lazer operário e alienação* (Volta Redonda, 1951–1956). (Dissertação de Mestrado, Universidade Severino Sombra).

Araújo, F. S. (2015). A CSN e as políticas sociais de lazer para os trabalhadores: Os clubes sociorrecreativos. *Licere*, 18(3).

Batistella, A. (2015). A era Vargas e o movimento operário e sindical brasileiro (1930–1945). *Unoesc & Ciência – ACHS*, 6(1), 21–34.

Bêde, W. (2004). *Volta Redonda na Era Vargas (1941–1964):* História social. Volta Redonda: SMC/PMVR.

Bizello, M. L. (1995). *Imagens otimistas:* Representações do desenvolvimentismo nos documentários de Jean Manzon (1956–1961) (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Campinas).

Decreto-Lei nº 4.766, de 01 de outubro de 1942. (1942).

Decreto-Lei nº 4.937, de 9 de novembro de 1942. (1942).

Bretas, A. (2010). O Serviço de Recreação Operária (1943–1945): Uma experiência do governo Vargas no campo do não-trabalho. *Caderno Arquivo Edgard Leuenroth – Esportes e Trabalhadores*, 16(28), 149–174.

Cardenuto, R. (2009). O golpe no cinema: Jean Manzon à sombra do IPES. *ArtCultura*, 11(18), 59–77.

15. Sobre isso, ver: MOREL, Regina. A ferro e fogo: construção e crise da "família siderúrgica". O caso de Volta Redonda (1941-1968). Tese (Doutorado em Sociologia) – IFCH, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.

16. A segunda greve ocorre em 1988, momento em que o exército ocupou a cidade de Volta Redonda e o interior da Usina Siderúrgica, vitimando três operários. O projeto de "família siderúrgica" não mais se sustenta.

Costa, T. B. (2016). As "viras-latas" e o trabalho feminino na Companhia Siderúrgica Nacional: Gênero e memória. In *Atas do II Encontro Nacional do GT Estudos de Gênero,* pp. 106-125. Rio de Janeiro.

Cruz, A. (1999). *Depoimento* [Entrevista]. Rio de Janeiro: CPDOC.

Ferreira, J., & Delgado, L. A. N. (Orgs.). (2019). *O Brasil republicano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

Gomes, Â. C. (2009). A política brasileira em busca da modernidade: Na fronteira entre o público e o privado. In: *História da vida privada no Brasil* (Vol. 4, pp. 489–558). São Paulo: Companhia das Letras.

Kossoy, B. (2016). *Realidades e ficções na trama fotográfica*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Lenharo, A. (1986). *Sacralização da política*. Campinas: Papirus.

Melo, L. A. R. (2013). Um breve panorama dos estúdios de som no Brasil. *Filme Cultura*, (58), 25–30.

Morel, R. L. de M. (1989). *A ferro e fogo:* Construção e crise da "família siderúrgica". O caso de Volta Redonda (1941–1968) (Tese de doutorado, Universidade de São Paulo).

Morel, R. L. de M. (1989a). Os soldados do trabalho. Formação e disciplinamento de trabalhadores da Companhia Siderúrgica Nacional. *Revista Arigó: o pássaro que veio de longe*, (1), pp. 27-31.

Nilcolls, B. (2005). *Introdução ao documentário*. Campinas: Papirus.

O Lingote. (1953–1960). *Jornal Quinzenal da CSN*. Rio de Janeiro.

Pinto de Pinto, C. E., & Mager, J. M. (2022). *A capitalidade em disputa:* O Festival Cinematográfico do Distrito Federal e outros festivais no Brasil dos anos 1950. São Paulo: Letra e Voz.

Piquet, R. (1989). *Cidade-empresa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Silva, L. Â. (2022). *Uma cidade em preto e branco*. Curitiba: Appris.

Silva, M. N. da. (2000). *A relação capital-trabalho na gênese da CSN* (Dissertação de mestrado, Universidade Severino Sombra).

Souza, J. J. Vieira de (1989). Arigó: o pássaro que veio de longe. *Revista Arigó: o pássaro que veio de longe*, (1), pp. 10-15.

Filmografia

Volta Redonda (1952, 25 min) de Alberto Cavalcanti.
Assim é Volta Redonda (1955) de Jean Manzon.
Nasci em Volta Redonda (1957) de Jean Manzon.